

LEITURA DE IMAGEM DA G MAGAZINE: MALDIZER, OLHAR VERDADEIRO E INSINUAÇÕES DA CARNE¹

Lucas Nascimento²

Resumo: O texto adota para análise as relações semântico-discursiva (PÊCHEUX, [1969] 2019; [1982] 2015; [1983] 1990; [1984] 2011) e subjetividade e (dizer a) verdade (FOUCAULT, [1980-1981] 2016; [1981] 2018; [1983-1984] 2011; [1984] 2020) em leitura de fotografia digital de capa publicitária, em edição de maio de 2010 da *G Magazine*. O artigo investe sobre a leitura de policromia na fotografia digital e o movimento ocular, ocorrência pelo desejo da mudança de direção visual (NASCIMENTO, 2018; 2019). Essa trama tem sua correspondência na interpretação que assegura a elaboração da resposta “Sim” ou “Não” diante da questão proposta em experimento de leitura imagética. Os resultados destacam a (in) visibilidade do maldizer verdadeiro em declaração de um sujeito pertencer ao grupo heterossexual e o maior tempo de fixação de seu olhar na cueca e no rosto do modelo fotográfico. Portanto, destacaram-se as insinuações da carne e os sentidos do olhar.

Palavras-chave: Leitura de imagem. Sentidos do olhar. Insinuações da carne. Maldizer. Subjetividade.

BADMOUTH, TRUE LOOK AND INSINUATIONS OF THE MEAT

Abstract: The text adopts for analysis the semantic-discursive relations (PÊCHEUX, [1969] 2019; [1982] 2015; [1983] 1990; [1984] 2011) and subjectivity and (telling the) truth (FOUCAULT, [1980-1981] 2016; [1981] 2018; [1983-1984] 2011; [1984] 2020) in digital photography reading of advertising cover, in the May 2010 issue of *G Magazine*. The article focuses on the reading of polychrome in digital photography and eye movement, an occurrence due to the desire to change the visual direction (NASCIMENTO, 2018; 2019). This plot has its correspondence in the interpretation that ensures the elaboration of the answer “Yes” or “No” before the question proposed in the imagery reading experiment. The results highlight the (in)visibility of true swearing in a subject’s declaration of belonging to the heterosexual group and the longer time spent fixating on the photographic model’s underwear and face. Therefore, the insinuations of the flesh and the senses of the look stood out.

Keywords: Image reading. Sense of look. Insinuations of the flesh. Badmouth. Subjectivity.

1 Agradecemos à FAPERJ pela Bolsa Doutorado Nota 10 (processo E-26/200.564/2018). Apresentamos resultados de tese (NASCIMENTO, 2019), defendida em fevereiro de 2019 e orientada pela profa. Dra. Tania Conceição Clemente de Souza (UFRJ/Museu Nacional).

2 Pesquisador do Laboratório de Estudos do Discurso, Imagem e som (Labedis), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/Museu Nacional), drlucasdonascimento@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4627-8991>

Introdução

Com apoio de ferramentas informatizadas, lembrando, desde já, a AAD, de Pêcheux, tratamos a relação teórica da Análise do Discurso de linha francesa com a Linguística por meio de um experimento inédito sobre “Leitura de imagem por rastreamento ocular (*Eye tracking*)³”. Com isso, destacamos a leitura de multimodalidade sincrética como objeto de estudo Nascimento (2018; 2019), especificamente a polissemia como fenômeno semântico de percepção visual em situação de leitura de fotografia digital de revista publicitária brasileira, cujos movimentos oculares realizados construíram percursos de leitura, com efeitos de (des)ordem da imagem e sentidos do olhar.

Esses sentidos do olhar serão analisados como gestos de leitura (ORLANDI, 1994), tendo em vista que o dispositivo da experimentação informatizada foi relevante de modo exclusivo em que o discurso é referido à exterioridade que lhe é constitutiva, pelas “possibilidades de coocorrência de uma superfície à outra” (PÊCHEUX, [1969] 2019, p. 119). Essas possibilidades permitem buscar uma leitura não-subjetiva que é tão cara a Análise de Discurso até hoje.

O que veremos são dados de pesquisa Nascimento (2019) da média de um experimento resultante da participação de 24 jovens universitários, de uma instituição pública de ensino superior, e resultados individuais (*gaze plot*, *heat map* e *pairwise comparisons*) de participante, de 20 anos, estudante do 3º período de Letras, no ano letivo de 2017. A colaboração dos participantes foi para a tarefa de visualizar uma imagem e responder uma pergunta, na tela de um computador, enquanto o rastreador ocular registrava seus tempos e padrões de fixação.

3 Para mais informações, ver França, Ferrari, Maia (2016), especialmente o capítulo sobre “Métodos de investigação linguística”, a parte de rastreamento ocular (*eye tracking*). Ver também Maia (2008).

Tratamos, aqui, da leitura de arquivo informatizado. A leitura de cada participante é movida pela relação entre linguagem e metáfora, de maneira que os sentidos circulados se inscrevem na memória do leitor e se fazem presentes na interpretação. Essa presença será vista pela relação, por um lado, pelo percurso de leitura do olhar e, por outro, pela identificação ao grupo sexual, conforme a sua declaração de consentimento para a participação da pesquisa Nascimento (2019).

Com o objetivo geral de contribuir para a compreensão das relações subjetividade/verdade e semântico-discursiva no processo semântico polissemia envolvido na visualização de imagens e na declaração dos participantes de pertencimento ao grupo sexual, os objetivos específicos são: (a) analisar a leitura dos movimentos oculares de um participante, por meio dos resultados de *gaze plot* e *heat map* (TFD: *total fixation duration* – duração total de fixação em cada área de interesse) do experimento de rastreamento ocular, (b) identificar *pairwise comparisons* desse leitor, e, por fim, (c) analisar a (in)visibilidade da subjetividade e (dizer a) verdade de um participante, sujeito-leitor declarado heterossexual.

A justificativa de escolha de tais dados de grupo específico se baseia pela média de resposta “sim”, em relação à pergunta “Há nudez na imagem?”, que se encontrava no último *slide* do experimento, se apresentar diferente das respostas “não” dos demais cinco grupos participantes (homens homossexuais e bissexuais, mulheres homossexuais, bissexuais e heterossexuais). Também pelo *heat map* e valor de ‘p’ desse grupo homens heterossexuais indicar *pairwise comparisons* em relação às áreas de interesse: cueca do modelo direito, rosto-peruca-busto da *drag queen*, rosto do Dicesar, sandália da *drag queen*, rosto do modelo direito.

Com algumas *tradições científicas*, compartilhamos discussões teóricas prováveis

hoje no campo discursivo. Escolhemos para embasamento científico interfaces mencionadas por Michel Pêcheux (em seu texto de [1984] 2011, publicação póstuma), ainda carentes de desenvolvimentos teórico-metodológicos.

Esclarecemos ainda que a pesquisa realizada potencialmente possa estar filiada às visões mais contemporâneas sobre interdisciplinaridade científica e sobre a questão da linguagem e do simbólico em psicologia Pêcheux et al. (1982⁴), evitando, com isso, a irredutibilidade de enfoques a um substrato lógico, ou cognitivo neurológico inato, ou adquirido, seja a um substrato lógico e cognitivo. O enfoque que considera a função do simbólico Nascimento (2017) – sem jamais ser redutora dos fatos de linguagem – é a que nos interessa, por corroborarmos com a posição freudiana concernente à “associação livre” como técnica analítica e com a posição lacaniana referente ao efeito do escrito, ao *sinthoma*, à pulsão⁵, ao desejo e sua interpretação⁶, mesmo quando métodos de experimentação sobre a sensação e a percepção sejam escolhidos para a pesquisa.

Em se tratando de rastreamento ocular, os movimentos oculares registrados são nada menos que a identificação de percepções visuais, cuja extensão do percurso do olhar registra a polissemia dos sentidos, a pulsão e o desejo, as leituras singulares (e *sinthomáticas*⁷ – Lacan (1975-76)). Pode ser dito, portanto, que o rastreamento ocular identifica a “trituração de leitura” (PÊCHEUX, 1981), uma vez considerados os movimentos oculares como

4 Os autores Pêcheux; Henry; Haroche; Gadet (1982) abordam em seção 1: A psicolinguística como resposta à questão da linguagem em psicologia. Vale conferir o texto, que nos instiga reflexões sobre a Análise de discurso frente à psicologia cognitiva, à psicologia, à psicologia experimental, à psicolinguística, à psicanálise, à neurobiologia molecular.

5 Ver Lacan, J. [1964]. Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.

6 Ver Lacan, J. [1958-59]. Seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação.

7 *Sinthoma* – de Jacques Lacan (1975-76): aquilo inverso ao sintoma, a patologia; o singular; a criação.

seqüências discursivas de trituração visual: seleção, deslocamento, rupturas, deslizamento, derrisão.

Pressupostos teóricos

Ao ser apresentada essa questão para mostrar a variedade e a natureza das discussões levantadas pelos fenômenos de ponto de vista na linguagem multimodal, uma vez que as múltiplas modalidades envolvidas estão em pesquisas e em pauta de estudiosos da linguagem, as questões geralmente são de emergência de significado, cujo próprio uso da linguagem pode ser melhor compreendido ao ser investigadas apropriadamente outras modalidades ao lado da linguagem, como a inovação de contextos e formas de linguagem.

De acordo com o terreno da Análise do Discurso, trabalhamos a noção de língua em sua relação com o discurso e com a imagem. Essa aproximação é com os níveis do discurso (formulação, constituição e circulação). A imagem como condição da produção e da interpretação do olhar do sujeito leitor. Nesse sentido, o estudo da imagem com “o estudo dos fenômenos discursivos (...) defrontam-se com um espaço mais vasto, o da leitura⁸ e da interpretação.” (PÊCHEUX, [1984] 2011, p. 227).

Ao estudar leitura de imagem, estamos na defesa de que a ordem da imagem se digladija confrontante com a desordem do olhar – isto é: com os múltiplos e assimétricos rastros do olhar. A simetria está para a imagem oferecendo a ordem, como a assimetria está para o olhar, oferecendo as pistas, os sinais, os emblemas. Os movimentos no trajeto de sentidos resultam de ordem e de desordem. Esses movimentos oculares se defrontam com o espaço da leitura e da interpretação. Os movimentos – muitas vezes – produzem descontinuidades meio à dispersão e à regularidade do discurso. Essas

8 Para discussões recentes sobre leitura e compreensão leitora sob as óticas da Psicolinguística e da Análise do Discurso, ver Gomes; Gonçalves (2021); Nascimento (2019).

descontinuidades apresentam lacuna de estudo e acenam para a necessidade de investigação.

Para mais investimentos em relação a essa lacuna, o estudo sobre a sintaxe imagética vista pelo “mapa de calor (heat map)” pode se mostrar produtiva ao passo que permite a identificação de sequência dissimétrica e desigual dos olhos, que, por assim mesmo, permite também a identificação da produção de sentidos do olhar. Os sentidos do olhar podem não corresponder necessária e obrigatoriamente aos sentidos da imagem, impostos pela própria ordem da imagem, porque não se vê só o visível. Há discursividades no que se vê, assim como há no que está e é visível. No entanto, a visibilidade não está só no visível, está também no irremível, no irrisório, nos restos que podem estar nos becos e nas curvas dos caminhos do olhar, por sequências tomadas pelos olhos. “Quando se afirma que uma imagem não é visível, mas torna-se visível através dos gestos de interpretação, se pressupõe o alcance político-ideológico inscrito no uso que se faz das imagens” (SOUZA, 2018, p. 23).

Pode existir o funcionamento ordinário das discursividades do olhar, pelo registro das sequências tracejadas pelos olhos. No entanto, não é menos verdade também que há outros funcionamentos que não sejam univocamente ordinários. Há a ordem inversa da ordem canônica da sintaxe! Isso é bem verdade. Há verdades da palidez (La vérité de la palice, como intitulou Pêcheux a sua obra de 1975)! Essas condições da produção e da interpretação do olhar podem “contribuir com o estudo dos efeitos de mudança que afetam a circulação dissimétrica e desigual” (PÊCHEUX, [1984] 2011, p. 229) dos sentidos da ordem da imagem. Há trabalho da heterogeneidade discursiva no jogo contraditório socio-histórico da imagem e do olhar. Nem sempre o olhar tem correspondência simétrica e igual à imagem. Eis a desordem do olhar.

Essa desordem pode apontar suscetíveis eventos históricos, isto é: outros e novos eventos históricos. Daí o acontecimento discursivo da imagem como fundação de outro e novo evento histórico, como fundação de outra e nova formulação/constituição discursiva. A imagem está para a estrutura e o acontecimento como o discurso está para a estrutura e o acontecimento Pêcheux (1983). O que há de verdades na palidez de um rosto? ou de um semblante? ...o discurso se não fosse semblante [para lembrar Lacan]? Há língua no rosto, no semblante... e na imagem!

Metodologia do experimento de leitura de imagem

Especificamente, investigamos a distinção entre áreas comuns (“cueca”, “rosto”, “pernas”) e áreas particulares (“cueca do modelo direito”, “cueca do modelo esquerdo”, “rosto da *drag queen*”), propondo que os primeiros exercem a função de *tipo*, enquanto os segundos caracterizam *instâncias* de um tipo. O rosto, por exemplo, é um tipo que tem função de elemento cognitivo universal humano, independentemente da orientação sexual. Já as áreas particulares são dependentes da orientação sexual, conforme ponto de vista e polissemia do olhar do grupo selecionado, no caso o grupo dos homens heterossexuais. Por isso, as áreas particulares caracterizam *instâncias* de um tipo – a variabilidade ponto de vista e polissemia do olhar. Já a “cueca do modelo direito” ou a “cueca do modelo esquerdo” são instâncias de um tipo (“cueca”, “vestimenta”), como elemento cognitivo particular e não universal. Isso nos leva a previsão de tese de que a orientação sexual influencia na área de interesse Nascimento (2019).

Assim, com o objetivo de contribuir para a compreensão dos processos envolvidos na visualização de imagens, Nascimento (2019) solicitou a colaboração dos participantes para a

tarefa de visualizar uma imagem e responder uma pergunta, na tela de um computador, enquanto o rastreador ocular registrou seus tempos e padrões de fixação.

A imagem oferecida pelo *software* acoplado ao *eyetracker* utilizada pode ser visualizada em mapas de calor (*heat map*) que retratam, em uma escala de cor, os tons esverdeados, passando pelo amarelo e tons alaranjados, até chegar ao vermelho. A duração da fixação (primeira fixação e fixação total) e o número de movimentos sacádicos estão registrados nas Áreas de Interesse assinaladas, de acordo com as operações de quantificação geradas pelo sistema. Com esse recurso, pode-se ver ilustrada, no Mapa de Calor (*heat map*), a convergência entre os índices de “calor” na primeira passagem do olhar (*first-pass*).

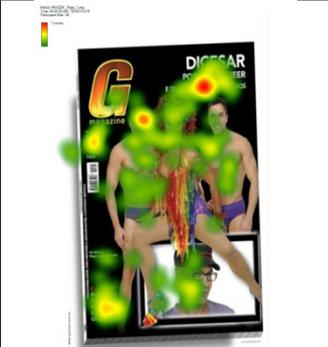
No mesmo Mapa de Calor (*heat map*), nota-se a mancha avermelhada sobre a região, que reflete a média da Duração da Primeira Fixação (FFD), em nítido contraste com a mancha esverdeada, que recebeu FFD média significativamente inferior. Rastream-se as fixações oculares dos sujeitos, cuja tarefa consistia na leitura automonitorada de imagem que aparecia em um único *slide*, na segunda tela, apresentando-se, na tela subsequente, uma questão interpretativa com duas opções de resposta, devendo-se responder fixando-se o olhar em uma delas. As variáveis dependentes foram estabelecidas como: (i) os tempos totais de fixação nas regiões de interesse, (ii) a fixação ocular em uma região, e (iii) os tempos totais de fixação nas alternativas de resposta à questão interpretativa final.

O experimento foi aplicado usando equipamento TOBII TX300, binocular, integrado a monitor de 23, em uma sala de laboratório experimental. Procedia-se à calibração de cada sujeito, que era sentado à distância de 60 a 65 cm da tela, devendo fixar o olhar e acompanhar o aparecimento e a movimentação de 12 pontos representados por círculos verdes. A calibração era repetida, caso não se obtivessem parâmetros aceitáveis, conforme indicado pelo programa. Após a fase da calibração, o sujeito era exposto a três slides, sendo o primeiro com instruções, o segundo com imagem e o terceiro com pergunta). Tratou-se de uma fotografia digital, capa de revista publicitária, sendo observado pelo experimentador, que não podia lhe indicar ajustes em relação à tarefa. Em seguida, o experimentador se retirava da sala, deixando cada sujeito completar o experimento, durando em média 5 minutos.

Leitores, Revista G Magazine e Percurso de Leitura do Olhar

Observemos o quadro, a seguir, para a compreensão do que acabamos de afirmar.

Quadro A: Média dos resultados do *heat map* de participantes homens e mulheres

RESULTADOS	PARTICIPANTES		
HOMENS	Homens Homossexuais	Homens Heterossexuais	Homens Bissexuais
<i>Heat Map</i>			
MULHERES	Mulheres Homossexuais	Mulheres Heterossexuais	Mulheres Bissexuais

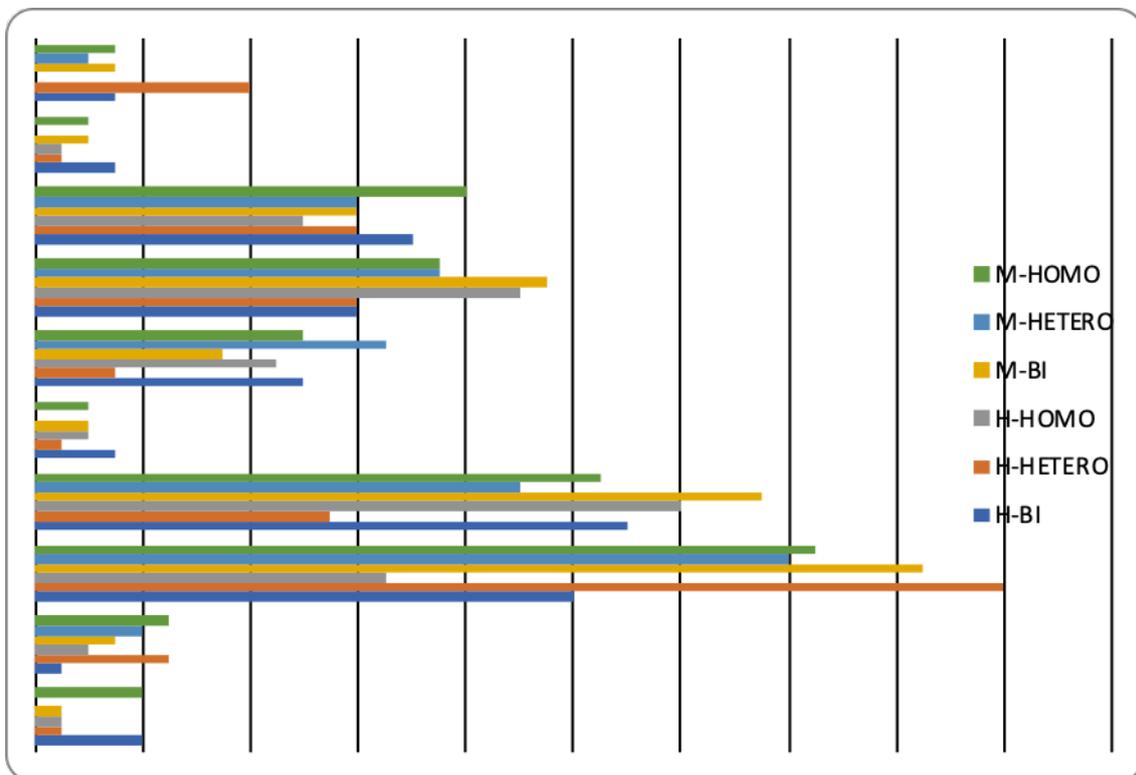


Fonte: Do autor.

Dada essa concentração sintática do olhar, singular e particular, a correspondência em sentidos demonstra resultados em dado trajeto semântico visivelmente marcado pela *gaze plot* – a ser vista mais a diante. Podemos dizer que a relação *gaze plot* e *heat map* corresponde à construção de base para o significado, vista como matriz. Esta se refere à escolha ocular dada pelo movimento em relação ao específico ângulo, cor e forma da imagem. Por exemplo, o “rosto do modelo fotográfico da direita”, o “rosto do modelo fotográfico da esquerda” ou o “rosto da *drag queen*” que podem evocar os seguintes domínios de experiência: espaço, conceito de rosto, conceito mais esquemático de rosto de modelo fotográfico ou de rosto de *drag queen*, concepção de um rosto, noções de conteúdo, fenótipo, etc. A lista de domínios evocados da imagem de rosto depende do propósito perceptual do leitor.

A seguir, vemos o gráfico em barras que apresenta a duração total de fixação (escala horizontal de 0 a 10) em cada das 10 áreas de interesse (escala vertical de 1 a 10).

Gráfico 1: TFD (total fixation duration) – duração total de fixação em cada área de interesse



Fonte: Do autor.

Para interpretar uma das 10 (dez) áreas de interesse selecionadas a fim de monitorar e controlar os resultados de leitura da fotografia digital, no caso “a área de interesse rosto do modelo fotográfico”, acessamos o conhecimento cultural referente a esse tipo de modelo de uma revista publicitária de erotismo para o público LGBTQIA+. O leitor poderia pensar que o rosto do modelo era qualquer um.

Além da organização figura vs. fundo, a focalização recobre o domínio de uma matriz, cujo *escopo* consiste na cobertura daquele domínio: o termo *rostro* evoca certa extensão espacial para a especificação de sua forma característica, o fenótipo que requer o acesso mental a características específicas (de traços fenotípicos que perfilam graus de beleza e que podem acentuar expressões de simpatia e felicidade, por exemplo) para a identificação de um corpo modelado, ou artístico, no caso de se tratar de *drag queen*.

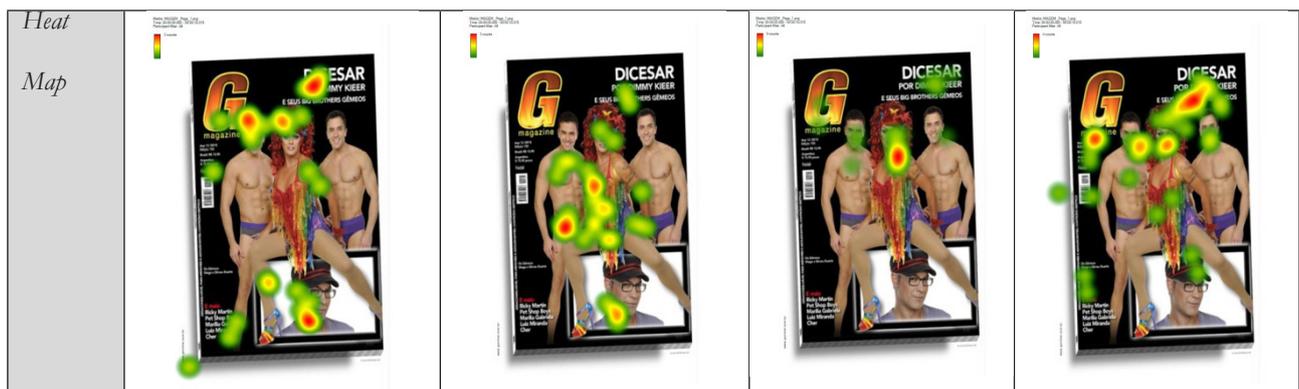
Nesse caso, a organização de figura/fundo pode indicar o escopo, que se trata de “uma questão de seleção” (FERRARI *et al.*, 2017, p. 1469). Com base no escopo máximo, “parte do corpo humano” seleciona um determinado conteúdo conceptual para colocar em *proeminência* (isto é, escopo imediato). Esse conteúdo selecionado “rosto do modelo fotográfico da direita”, “rosto do modelo fotográfico da esquerda” ou ainda “rosto da *drag queen*” constitui uma estrutura particular denominada *perfil*.

Diante disso, o conceito de polissemia se faz necessário para compreendermos o perfil, a área de interesse (indicada pelo *heat map*) e a *gaze plot*. O perfil escolhido e indicado pelo *heat map* em específica área de interesse, realizado pelo rastreamento ocular de cada participante-leitor de nossa pesquisa, explica como o fenômeno metafórico está relacionado a noções de perspectiva, tempo, espaço e movimento. Esse fenômeno envolve uma projeção entre apenas um domínio, diferentemente da metonímia, que envolve dois Ferrari (2011).

Vejamos a confirmação de nossa hipótese – a polissemia está na ordem da imagem no momento de movimento ocular, de modo a indicar *construção de movimento causado* pelo resultado de *gaze plot* e confirmação pelo *heat map* –, ao analisarmos o quadro a seguir, com resultados individuais Nascimento (2019). Como já mencionado anteriormente, lembramos que a indicação de *construção de movimento causado* pelo resultado de *gaze plot* demonstra o percurso realizado pelo olhar à imagem, de modo que o movimento ocular seguinte indicia o novo estímulo resultante em percepção visual Nascimento (2019).

Quadro B: Resultados individuais de *gaze plot* e *heat map* de participantes homens heterossexuais

RE SUL TA DOS	PARTICIPANTES: HOMENS HETEROSSEXUAIS			
	E. S.	M. A.	M.	R. N.
<i>Gaze</i> <i>Plot</i>				



Fonte: Do autor.

Em estudo de (FERRARI, 2016, p. 106), a autora afirma que “o laço de polissemia capta a natureza das relações semânticas entre um sentido particular de uma construção e extensões desse sentido”. Lembrando dos moldes propostos por Lakoff (1987), Ferrari (2016, p. 107) aciona o ensinamento do autor de que “a extensão metafórica corresponde a ligações que se estabelecem por polissemia”.

Na esteira dessa distinção, deslocando de construções linguísticas do português brasileiro para a natureza de multimodalidade da fotografia digital, procedemos ao tratamento de extensões metafóricas relacionadas à linguagem não-verbal de modo a identificar as diferenças de leitura dos participantes do experimento. Vejamos que as extensões metafóricas realizadas pelo percurso do leitor E. S. se diferenciam das extensões dos leitores M. A, M. e R. N. Todos esses quatro sujeitos homens heterossexuais realizaram a extensão metafórica de modo particular, assim sendo construída individualmente a polissemia do olhar.

A polissemia do olhar nada mais é do que os sentidos que o olhar foi traçando de maneira a construir gestos de leitura. Cada leitura foi finalizada no momento em que o *heat map* do experimento de rastreamento ocular demonstra o TFD (*total fixation duration*) – duração total de fixação na maior área de interesse. Identificamos individualmente o *heat map* de cada leitor-participante do grupo homens heterossexuais: o leitor E. S. teve duração total de fixação nas seguintes áreas de interesse: *enunciado Dicesar, peruca da drag queen, rosto do modelo esquerdo e rosto de Dicesar na televisão*. Já o leitor M. A. teve duração total de fixação nas áreas *busto da drag queen e cueca do modelo esquerdo*. M. teve duração total de fixação nas áreas de interesse *busto da drag queen*, enquanto o leitor R. N. teve no *enunciado Dicesar, logo da G Magazine, rosto da drag queen e rosto do modelo esquerdo*.

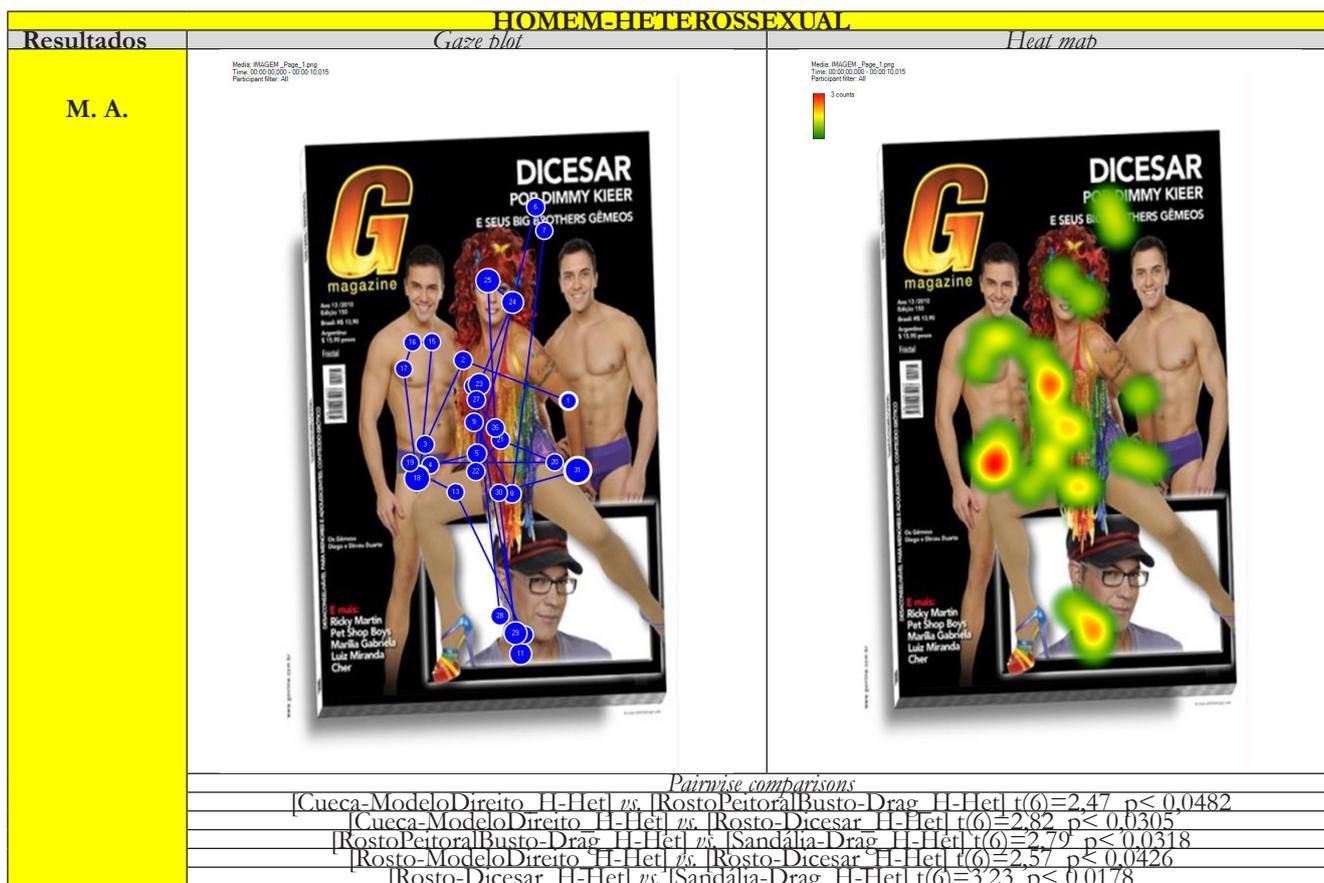
Ao analisarmos o Quadro B, vemos que há extensões distintas, em escala de maior a menor grau, ou vice-versa, de cada leitor-participante em relação a cada área de interesse. Em casos de materialidade do não-verbal, a hipótese de que a construção de movimento causado possa ser identificada em movimentos oculares é verdadeira, pela justificativa de que possamos identificar valores de ‘p’⁹ confiáveis do grupo homens heterossexuais por meio de *pairwise comparisons*¹⁰, resultado do experimento de rastreamento ocular (*eyetracking*).

Para isso, veremos o Quadro C.

9 Na estatística clássica, o valor-p (também chamado de nível descritivo ou probabilidade de significância) é a probabilidade de se obter uma estatística de teste igual ou mais extrema que aquela observada em uma amostra, sob a hipótese nula. Por exemplo, em testes de hipótese, pode-se rejeitar a hipótese nula a 5% caso o valor-p seja menor que 5%. Assim, uma outra interpretação para o valor-p é que este é o menor nível de significância com que se rejeitaria a hipótese nula. (cf. Glossário Inglês-Português de Estatística, Sociedade Portuguesa de Estatística e Associação Brasileira de Estatística)

10 Para mais informações, ver França, Ferrari, Maia (2016) e Maia (2008).

Quadro C: Resultados individuais de *gaze plot*, *heat map* e *pairwise comparisons* de participante homem heterossexual, identificado como leitor M. A.



Fonte: Do autor.

O contexto desse quadro é a radiografia visual – obtida pelos procedimentos *gaze plot* e *heat map* da metodologia *eye tracking* – de multimodalidade sincrética da fotografia digital, objeto eleito de investigação, nesse texto. A construção de movimento causado é em relação ao que Sweetser (2013) aborda como representação do ponto de vista. Essa construção tem sua relação com a criatividade envolvida nos diferentes recursos multimodais.

Essa construção de movimento causado é o funcionamento da linguagem na fotografia digital, por exemplo. “(...) tem todos os recursos de um corpo inerentemente perspectivado no espaço, para representar os fenômenos do ponto de vista” (SWEETSER, 2013, p. 250 – tradução livre). É exatamente o ponto de vista representado nos recursos da linguagem, combinando as áreas de interesse de formas linguísticas como (casos, por exemplo, do logo da *G Magazine* e o enunciado: *Dicesar por Dimmy Kieer ao lado de seus big brothers gêmeos*), com as áreas de interesse de formas visuais e gestuais linguísticas (casos, por exemplo, da *peruca da drag queen*, do *rosto do modelo esquerdo*, do *rosto do modelo direito*, do *rosto de Dicesar na televisão*, do *rosto da drag queen*, assim como das áreas *busto da drag queen*, *cueca do modelo esquerdo*, *cueca do modelo direito*, *peitorais dos modelos*, etc).

Essas áreas representativas de ângulos, cores e formas não-verbais são policromias – conceito elaborado por Souza (1996; 1997) – que marcam a incorporação ou combinação de pontos de vista conforme Sweetser (2013). A policromia permite a leitura interpretativa dos sentidos, do senso comum até os sentidos de maiores investimentos de interpretação: “Ao se analisar uma imagem pelo viés da

policromia, se direciona e se constrói *o próprio olhar através dos gestos de interpretação.*” (SOUZA, 2013, p. 298).

“O trabalho com o conceito de policromia nos faz chegar a como se dá a textualização do político no âmbito do não verbal” (SOUZA, 2018, p. 23). Assim, gestos, corporeidades e expressões de sorrisos, simpatia e felicidade, por exemplo, marcados no rosto do modelo esquerdo, além de sua cueca como área interessada, talvez justifique ter sido o modelo a receber mais textualização do político (asseverados pelo *beat map*) – e formas verbais (logo *G Magazine* e enunciado *Dicésar por Dimmy Kieer...*), que se integram em linguagem verbal, corporal e gestual, em audiovisuais¹¹, cuja construção de movimento causado permite o trânsito de uma área de interesse do não-verbal com uma área verbal.

A construção de movimento causado é aquilo apontado como movimento em sequência numérica pela *gaze plot* – isto é: o movimento ocular 2 ser resultado do deslocamento de 1 para 2, assim por diante, tecendo uma trama numérica que representa o trajeto de construção dos sentidos, de modo a possibilitar consequentemente a existência da polissemia e da policromia, diante disso, registrar o percurso de extensões metafóricas. Essas extensões metafóricas resultam e dependem da construção de movimento causado. A construção de movimento causado depende da existência da policromia na fotografia digital, que permite a pulsão corresponder no consequente movimento ocular, impulsionado pelo desejo da mudança de direção visual. Essa trama tem sua correspondência na interpretação que assegura a elaboração da resposta “Sim” ou “Não” diante da questão “Há nudez na imagem?”.

11 ‘Audiovisuais’ é conceito de Milanez (2018; 2019) para estudar os modos da organização de objetos fílmicos e midiáticos, entre outros, a partir da revitalização de noções foucaultianas no quadro dos estudos discursivos.

Pelos resultados individuais de *gaze plot* do sujeito leitor M. A., as extensões metafóricas de percurso do olhar de (1) a (31) movimentos oculares resultaram e dependeram da construção de movimento causado da partida inicial (1) cotovelo da *drag queen*, para (2) ombro da *drag queen* e peitoral do modelo esquerdo, depois (3) barriga do modelo esquerdo, (4) cueca, especificamente região genitália do modelo esquerdo, (5) voltando para a *drag queen*, área da *collant*, altura da barriga, (5-9) ficando na área da *collant*, da barriga em direção ao peitoral da *drag queen*, (11) indo ao pescoço do Dicésar na área da televisão, (13) avançando para as pernas da *drag queen*, (14) deslocando-se para a cueca do modelo esquerdo, altura de divisa entre a cueca e as suas pernas, movimentando-se de (14) para (15-17) o peitoral do modelo esquerdo, voltando novamente para (18) a cueca do modelo esquerdo, direção entre a divisa da cueca e as suas pernas para o elástico da cueca, onde se localiza a marca *Mash*.

De (22-25), transita entre a área da *collant*, (26) a peruca e (27) o busto da *drag queen*, deslocando-se para (28-29) pescoço e mandíbula do Dicésar na área da televisão, finalizando os movimentos oculares na área da *collant* da *drag queen*, especificamente na região de divisa entre a genitália e as suas pernas, chegando finalmente (31) no modelo direito, na cueca, cuja mão da *drag* está sobrepondo a região genitália.

Consideremos ainda os dados acima do Quadro C, referentes à *gaze plot* de leitura de imagem desse leitor-participante identificado como homem heterossexual M. A. Selecionamos cinco comparações confiáveis, conforme o último objetivo específico dessa pesquisa experimental: identificar valores de ‘p’ confiáveis do grupo homens heterossexuais por meio de pairwise comparisons.

Vejamus que as comparações desse grupo de homens com valores de ‘p’ confiáveis a < 0,05 são:

em (1) cueca do modelo direito *vs.* rosto-peruca-busto da *drag queen* ($p < 0,0482$); em (2) cueca do modelo direito *vs.* rosto do Dicésar ($p < 0,0305$); em (3) rosto-peruca-busto da *drag queen vs.* sandália da *drag queen* ($p < 0,0318$); em (4) rosto do modelo direito *vs.* rosto do Dicésar ($p < 0,0426$); e em (5) rosto do Dicésar *vs.* sandália da *drag queen* ($p < 0,0178$).

Como “poderíamos inicialmente pensar que o corpo único é uma limitação em representar múltiplos corpos – ou pelo menos, poderíamos pensar que seria confuso para os destinatários descompactar as misturas (...)” (SWEETSER, 2013, p. 250 – tradução livre). Leitores “desempacotam” essas misturas de forma suave e confortável, construindo os múltiplos pontos de vista em relação uns aos outros (SWEETSER, 2013), em relação a uma área de interesse a outra, como vemos nos dados de (1) a (5).

Tanto ao observarmos o Quadro B: Resultados individuais de *gaze plot* e *beat map* de participantes homens heterossexuais, quanto ao observarmos o Quadro C: Resultados individuais de *gaze plot*, *beat map* e *pairwise comparisons* de participante homem heterossexual, identificado como M. A., os dados (1) modelo direito *vs.* *drag queen*; (2) modelo direito *vs.* Dicésar; (3) *drag queen vs.* *drag queen*; (4) modelo direito *vs.* Dicésar; e (5) Dicésar *vs.* *drag queen* representam os domínios cognitivos, respectivamente, em (1) cueca *vs.* rosto-peruca-busto; em (2) cueca *vs.* rosto; em (3) rosto-peruca-busto *vs.* sandália; em (4) rosto *vs.* rosto; e em (5) rosto *vs.* sandália.

Essa lista de domínios específicos evocados de (1) a (5) por imagens de cueca, rosto-peruca-busto, rosto, sandália dependeram do propósito perceptual dos leitores desse grupo frente às policromias que garantiram a injunção de interpretar e afirmar a resposta “Sim”, com relação à questão “Há nudez na imagem?”.

No caso de M. A., os *domínios* cueca do modelo direito, busto da *drag queen* e rosto do Dicésar na televisão foram o conteúdo da multimodalidade, cujo o *movimento ocular* dado como resultado de *beat map* no experimento de rastreamento ocular incidiu na ativação desses três conjuntos de domínios cognitivos. A concentração nas três determinadas áreas de interesse, que apresentaram maior tempo de duração de fixação, revela a atenção de percepção visual desse leitor-participante M. A., pelo seu percurso do olhar. Essa concentração corrobora na elaboração à resposta da questão “Há nudez na imagem?”.

Leitura da nudez, maldizer a declaração e a verdade das insinuações do olhar

O artigo que apresentamos para o dossiê “Estudos discursivos e as confissões da carne” se soma aos trabalhos que envidaram seus esforços para à pergunta: o que faz com que falemos, hoje, dessa atualidade das confissões da verdade e do desejo?, enquanto filigrana do questionamento foucaultiano em “E o que faz que eu fale dessa atualidade?” (FOUCAULT, 1983 [2011]). Apresentamos alguns resultados de pesquisa que se fez essa pergunta e que tratou intituladamente de “insinuações da carne: ordem da imagem e sentidos do olhar”. As reflexões propuseram investigar a atualidade das confissões da carne com as suas insinuações por meio dos sentidos do olhar em percurso de leitura de imagem.

Ao intentar compreender os modos de designação e especificidades dos modos de agir no interior de nossa atualidade, propomos, aqui, trazer os desdobramentos discursivos que podem fazer das ordens os sentidos do olhar em experiência de leitura. Com essa “experiência de se pôr a olhar” e, antes, “experiência de se pôr a confessar para um dizer verdadeiro do sujeito sobre si mesmo” – quando da declaração em qual grupo sexual

pertencia (qual a sua sexualidade), os *domínios* cueca do modelo direito, busto da *drag queen* e rosto do Dicésar na televisão obtiveram a concentração nas três determinadas áreas de interesse pela atenção do leitor-participante M. A., em seu percurso do olhar.

Essa concentração em maior tempo de fixação do olhar de M. A. permite indiciar um percurso de olhar verdadeiro que confronta com o maldizer de sua declaração. Esse maldizer (FOUCAULT, 1981), por um lado, tenta a opacidade da sexualidade do sujeito por usar a língua para declaração de o pertencimento ao grupo heterossexual, que, por outro lado, o percurso do olhar demonstra a transparência das insinuações da carne Foucault (1984) – olhar verdadeiro para partes do modelo que são investidas da carne viril: genitália coberta pela cueca e rosto do modelo, além do busto da *drag queen*.

Chegamos no ponto da atualidade das confissões da verdade e do desejo¹², se relacionarmos a subjetividade e verdade, os modos instituídos do conhecimento de si e a história desses modos. Isso coloca em questão o sujeito estabelecido como um objeto de conhecimento possível, desejável ou impensável. O fio condutor útil para a discussão são as “técnicas de si” (os procedimentos) “prescritos aos indivíduos para estabelecerem sua identidade” (FOUCAULT, 1980-1981, p. 267). Mantê-la ou transformá-la em função de certos fins tem relação com o “domínio de si sobre si ou de conhecimento de si por si” (FOUCAULT, 1980-1981, p. 267).

Nesta pesquisa, também é significativo compreender a relação entre os marcadores físicos (duração total de fixação do olhar nas áreas *busto da drag queen* e *cueca do modelo esquerdo* pelo leitor M. A., que nos concentramos nas análises) e a (in)visibilização no caso de sua declaração em ser homem heterossexual.

O discurso da declaração é de grande importância para os homens e tem alguns significados como o medo de perder a imagem de macho ou masculino. A declaração é uma forma de visibilização física. É uma auto(in)visibilização das mulheres e dos homens. Assim, pelo mero ato de se declarar, eles e elas podem ser vistos (pelo menos do ponto de vista sexista) como não estar fugindo do espaço social preparado para eles/elas pela sociedade heterossexual. A declaração, portanto, é um marcador social interpretado pela sociedade de acordo com seus esquemas tanto sobre a declaração quanto sobre a subjetividade/verdade Foucault (1980,1981). Ao mesmo tempo, o discurso declarado é a afirmação social que identifica a visibilidade heterossexual e mostra a invisibilização da subjetividade/verdade, a relação entre visibilidade física, visibilização social e invisibilização de si.

A questão de “quem (in)visibiliza o que”, é claro, tem as reproduções da (in)visibilização social e estrutural que ultrapassa a subjetividade/verdade. No entanto, a invisibilização dos homens homossexuais pelas mulheres e homens heterossexuais não se baseia em um único aspecto. Construída por relação de poder, as invisibilizações ocorrem pelas declarações e afirmações que geralmente tendem a usar discursos patriarcais, religiosos, machistas e discriminatórios, funcionando para mantê-los unidos e para mantê-los fora da diferença religiosa – por exemplo. Usar esses discursos significa que sujeitos não são os únicos que invisibilizam outros sujeitos, mas a própria sociedade participa desse resultado de (in)visibilidade. À medida que o círculo de visibilização em torno de si se amplia, a invisibilização do conhecimento de si por si mesmo pode ser a *técnica de si*. Outro discurso significativo para entender a invisibilização de si – da técnica de si recorrida – está relacionado à busca simbólica da fuga da opressão.

12 A tese de Nascimento (2019) discursivizou o conceito de “desejo” (sob a ótica de Lacan) em suas análises.

Novamente, um marcador físico altamente visível como a declaração de participação do grupo sexual heterossexual (que, ao mesmo tempo, invisibiliza a participação em outro grupo) é entendido como um marcador social de subordinação. Tudo em prol da fuga da opressão. É um dos símbolos mais poderosos da rigidez religiosa. Foucault nos esclarece sobre isso nos quatro volumes da **História da Sexualidade** e os elementos culturais associados que exigem que os sujeitos sejam excessivamente visíveis na subjetividade/verdade sexual. Ao mesmo tempo que invisibiliza as características individuais dos sujeitos, marca o ato de subordinar ao grupo (auto) declarado.

A opressão nas relações familiares e a invisibilização social na sociedade mostra uma tendência de o sujeito criar uma relação para a proteção de “si”. Proteção de discursos opressores e discriminatórios que causam mudança¹³ na relação entre os sujeitos no que diz respeito às declarações de pertencimento aos grupos sexistas. Como resultado inverso – caso “não se proteger” pelos discursos discriminatórios, como justificativas veiculadas, expor-se em grupos sexistas “minoritários” seria a possibilidade de dizer a verdade sobre a própria sexualidade, mas se revelar e aguardar preconceitos e violências.

Diante dessas justificativas veiculadas, por exemplo, a não declaração verdadeira de sua sexualidade para a participação na pesquisa é uma “tecnologia de si” – “reflexão sobre os modos de vida, sobre as opções de existência, sobre o modo de regular a própria conduta, de estabelecer para si mesmo fins e meios” – conforme (FOUCAULT, 1980-1981, p. 269). Essa tecnologia do sujeito

(“governo de si”) deixa examinar técnicas pelas quais o indivíduo é levado a não dizer a verdade, de modo a apontar outra direção, a modificação de a relação consigo mesmo no aspecto da sua relação com a subjetividade/verdade (FOUCAULT, 1980-1981). Portanto, o sujeito que usa esse conhecimento demonstra que lhe falta a coragem da verdade Foucault (1983, 1984) no ato de dizer, por outro lado, a coragem reside no ato de olhar e nos movimentos realizados em seu percurso de leitura do olhar.

Considerações finais

Vimos que a (in)visibilização Foucault (1981, 1980-1981, 1984) nos ajuda a entender a interseção específica da discriminação sexual e outros aspectos relacionados semântico-discursivamente. A invisibilização se mostrou às vezes útil para não ser identificada a sexualidade do sujeito e para estar livre de ameaça. Ao mesmo tempo, essa invisibilização tinha o preço de uma maior irrelevância e um *status* de objeto e não sujeito de discursos e processos sociais. Em vez de uma percepção binária de visibilidade ou invisibilidade, podemos perguntar que tipo de visibilidade é produzida. Além disso, para superar a visibilização discriminatória, a questão da (re)produção subjetiva e imagética (de si, por si mesmo e a própria imagem de si para si) deve ser abordada. Vimos como os próprios discursos de declaração e de leitura da imagem estão inter-relacionados, assim como um sujeito se relacionou com essas estruturas gerais de discurso herdado e normatizado.

Uma das descobertas mais importantes deste estudo é que o discurso masculino dominante também é internalizado e reproduzido por homens homossexuais. O discurso normativo sexista e divisor de “nós” e “eles” segue em todo o conjunto de dados produzindo a diferenciação dos homens declarados para o pertencimento em cada grupo, como uma amostra dos resultados trazidos aqui.

13 Nesse ponto da discussão, a noção de dessubjetivação Foucault (1980,1981) e Milanez (2013) pode ser profícua em futuros trabalhos para pensar o sujeito M. A. e o seu processo de dessubjetivação como experiência interior de si face a processos de subjetivação, as relações entre dessubjetivação, subjetivação e os modos de reinvenção do sujeito por meio da ‘ressubjetivação’, como proposto por Milanez (2021).

O uso de discursos religiosos de longa data sobre a identidade masculina ou do homem explica como a identidade dos homens serem sexuais pode desencadear o maldizer ou o malfazer verdadeiro na sociedade anfitriã Foucault (1981, 1984). Vimos (na pesquisa de doutoramento) como esse quadro discursivo se relaciona com outros discursos discriminatórios, visivelmente marcados na sociedade, veiculados pela mídia, pelo digital, pela internet, como discursos sobre “si” e “por si mesmo”.

O quadro geral entre os grupos sexuais indicia realidades tão diversas como usar a declaração para maldizer de si. Efeito maquiagem para iludir-se a respeito de pertencimento ao grupo que, de fato, não pertence. Nesse caso, um *status* de sujeito dependente da norma e temido pela ameaça ou exclusão sexual de grupo normativo foi afirmado. Com isso, o discurso de declaração foi principalmente um discurso sobre homem refugiado de si e não sobre a subjetividade/verdade declarada pela estrutura da língua, mas excluída de sua própria produção de identidade e de seu dizer verdadeiro correspondente ao próprio percurso do olhar desejado pela imagem de carne alheia. As insinuações do olhar visibilizam os sujeitos como atores produtivos das físgadas das insinuações da carne. O malfazer (ou *maldizer*) é dizer verdadeiro.

Referências bibliográficas

- FERRARI, Lilian. Introdução à Linguística Cognitiva. 1. ed. 2 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.
- FERRARI, Lilian et. al. Referência genérica em SNs singulares: uma abordagem cognitivista experimental. Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v.25, n.3, p. 1463-1500, 2017. Disponível: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.25.3.1463-1500> Acessado: 15 junho 2021.
- FOUCAULT, Michel. Subjetividade e Verdade: curso no Collège de France. Edição estabelecida por Frédéric Gros sob direção de François Ewald e Alessandro Fontana; traduzido por Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, [1980-1981] 2016.
- FOUCAULT, Michel. Malfazer, Dizer Verdadeiro: função da confissão em juízo. Edição estabelecida por Fabienne Brion e Bernard E. Harcourt; traduzido por Ivone Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, [1981] 2018.
- FOUCAULT, Michel. A Coragem da Verdade. O governo de si e dos outros II. Edição estabelecida por Frédéric Gros sob direção de François Ewald e Alessandro Fontana; traduzido por Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, [1983-1984] 2011.
- FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade: as confissões da carne. 4 Edição, estabelecida por Frédéric Gros; traduzido por Heliana de Barros Conde Rodrigues e Vera Portocarrero. São Paulo: Paz e Terra, [1984] 2020.
- FRANÇA, Anieli Improta; FERRARI, Lilian; MAIA, Marcus. A Linguística no Século XXI: Convergências e divergências no estudo da linguagem. São Paulo: Contexto, 2016.
- GOMES, G. S.; GONÇALVES, T. M. Leitura e compreensão leitora sob as óticas da Psicolinguística e da Análise do Discurso: Uma aproximação. Letrônica, volume 14, n. 2, 2021. Disponível: <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2021.2.38742> Acessado: 15 agosto 2021.
- LACAN, Jacques]. Seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação. Rio de Janeiro: Zahar, [1958-59] 2016.
- LACAN, Jacques. Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, [1964] 2008.
- LACAN, Jacques. O Seminário, livro 23: o Sinthoma. Rio de Janeiro: Zahar, [1975-76] 2007.
- MAIA, Marcus. Processos bottom-up e top-down

- no rastreamento ocular de imagens. *Veredas*, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), v. 2, p. 8-23, 2008. Disponível: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25167> Acessado em: 29 maio 2021.
- MILANEZ, Nilton. A dessubjetivação de Dolores. *Escritas de discurso e misérias do corpo-espaço. Linguagem. Estudos e Pesquisas*, Universidade Federal de Goiás (UFG), v. 17, p. 369-389, 2013.
- MILANEZ, Nilton. O corpo de Alexina Barbin: escrita e audiovisualidades de si com Michel Foucault. In: MILANEZ, Nilton; NASCIMENTO, Rebeca; SANTA BARBARA, Urania. (Org.). *Temas de pesquisa: o corpo e suas extensões no discurso*. Feira de Santana: Edições Labedisco, 2018. p. 9-24.
- MILANEZ, Nilton. *Audiovisualidades: elaborar com Foucault*. Londrina: Eduel; Guarapuava: Unicentro, 2019.
- MILANEZ, Nilton. A noção foucaultiana de dessubjetivação: alicerces, experiências e modos de agir do sujeito. *Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som*, Labedis/Museu Nacional, UFRJ, v. 6, n. 2, 2021.
- NASCIMENTO, Lucas. Quando a letra falta, o digital fal[h]a: a função do escrito. *Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som*, Labedis/Museu Nacional, UFRJ, v. 2, n. 2, 2017. Disponível: <https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/12738> Acessado: 25 junho 2021.
- NASCIMENTO, Lucas. Imagem cosmética, sintaxe imagética e posições identitárias: leitura de visualidades da G Magazine. In: BEZERRA, Beatriz Braga; CARVALHO, Dorama de Miranda. (Org.). *Laços entre Comunicação e Educação: reflexões sobre novas plataformas midiáticas e interferências estéticas*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2018. p. 118-153.
- NASCIMENTO, Lucas. *Insinuações da Carne: Ordem da Imagem e Sentidos do Olhar – por questões de leitura de fotografia digital da G Magazine*. 2019. 216 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Campus Ilha do Fundão, Rio de Janeiro, RJ, 2019. Disponível em: <http://www.ppglinguistica.letras.ufrj.br/images/Linguistica/3-Doutorado/teses/2019/TESE-Final-BIBLIOTECA-UFRJ-L.NASCIMENTO.pdf>. Acessado em: 10 julho 2021.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). *Gestos de Leitura: da história no discurso*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.
- PÊCHEUX, Michel. *Análise Automática do Discurso*. Traduzido por Eni Puccinelli Orlandi e Greciely Costa. Campinas, SP: Pontes Editores [1969] 2019.
- PÊCHEUX, Michel. L'énoncé: enchâssement, articulation et dé-liaison. *Actes du Colloque Matérialités discursives*. Université Paris X – Nanterre, 24-26 avril 1980. In: CONEIN, Bernard. et al. (Orgs). *Matérialités discursives*. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1981. p. 143-148.
- PÊCHEUX, M.; GADET, F.; HAROCHE, C.; HENRY, P. “Nota sobre a questão da linguagem e do simbólico em Psicologia”. In: PÊCHEUX, Michel. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. Textos selecionados por Eni Puccinelli Orlandi. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, [1982] 2015. pp. 55-71.
- PÊCHEUX, Michel. *Discourse: structure or event? – Actes du Colloque Marxism and Interpretation of Culture: Limits, Frontiers, Boundaries*. L'Université Urbana-Champaign, 8-12 juillet 1983. In: PÊCHEUX, Michel. *L'inquietude du Discours*. Textes choisis et présentés par Denise Maldidier. Paris: Éditions des Cendres, 1993, p. 303-323.
- PÊCHEUX, Michel. *Especificidade de uma disciplina de interpretação (A Análise do Discurso na França)*. In: PÊCHEUX, Michel. *Análise de Discurso – Michel Pêcheux*. Textos selecionados por Eni Puccinelli Orlandi. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, [1984] 2011. p. 227-230.
- SOUZA, Tania Clemente. *Imagem e Sentido*. Texto-apostila utilizado no curso *Análise do*

discurso, do Instituto de Artes de Comunicação Social, UFF: Niterói, primeiro semestre, 1996.

SOUZA, Tania Clemente. Discurso e imagem: perspectivas de análise do não-verbal. Conferência no 2º Colóquio de Analistas del Discurso. Universidad del Plata, Instituto de Linguística da Universidad de Buenos Aires: La Plata e Buenos Aires, 1997.

SOUZA, Tania Clemente. Gestos de Interpretação e Olhar(es) nas Fotos de Curt Nimuendajú: Índios no Brasil. Revista FSA (Faculdade Santo Agostinho), v. 10, p. 287-301, 2013. Disponível: <http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/144> Acessado: 11 junho 2021.

SOUZA, Tania Clemente. Perspectivas da análise do (in)visível: a arquitetura discursiva do não verbal. In: RUA, v 1. n: 24, p. 17-35, junho, 2018. Disponível: <https://doi.org/10.20396/rua.v24i1.8652400> Acessado: 05 junho 2021.

SWEETSER, Eve. Creativity across modalities in viewpoint construction. In: BORKENT, DANCYGIER, HINNELL. (Org.). Language and the creative mind. CSL1 Publications, 2013. p. 239-256.

Submissão: Agosto de 2021

Aceite: outubro de 2021.